

EPICURO E A FORMAÇÃO DO PENSAMENTO DE KARL MARX*

*Denis Collin***

Para compreender como se estabeleceram a concepção materialista de Marx e os seus grandes temas a partir de 1845 e da **Ideologia Alemã**, a sua tese de doutorado – **A diferença entre as filosofias da natureza em Demócrito e Epicuro** – é mais importante do que parece. O próprio Marx nos convida a concentrar a atenção sobre ela. Em sua análise do materialismo em **A Sagrada Família**, texto no qual afirma mais nitidamente sua dívida para com o materialismo filosófico clássico, ele lembra que “o materialismo francês e inglês manteria sempre uma relação estreita com Demócrito e Epicuro”. Evocação clara dos temas de sua tese e de sua importância para a compreensão do materialismo moderno. O materialismo das Luzes é, segundo Marx, o triunfo póstumo do atomismo de Hobbes e de Gassendi, “o restaurador do materialismo epicuriano”.

Antes de mais nada, o seu trabalho universitário demonstra claramente que o jovem Marx não é verdadeiramente hegeliano. Em realidade, é somente quando ele rompe com o movimento dos jovens hegelianos, com Bauer e Stiner, que Marx começará realmente a se comparar com Hegel e, de uma certa maneira, com ele se confrontar – ainda que na sua tese ele manifeste uma

* Título original: Marx et Epicure: La thèse de doctorat dans la formation de la pensée de Karl Marx. Tradução de Rita de Cássia Mendes Pereira. E-mail: ricamepe@hotmail.com.

** Professor do Lycée Aristide Briand d'Evreux. E-mail: denis.collin@wanadoo.fr.

aparente propensão ao flerte com as categorias e a linguagem hegeliana. Para melhor precisar a questão, deve-se sempre lembrar que o atomismo é um dos alvos privilegiados de Hegel e que a principal crítica que este poderia lançar contra um filósofo era justamente a de ser um atomista. Os violentos ataques de Hegel contra Newton e o seu desprezo geral com relação à “raça de Bacon” estão sempre associados à crítica ao atomismo. Pode-se, então, compreender o trabalho de Marx sobre Epicuro como um primeiro confronto com o hegelianismo.

Outrossim, podemos afirmar que, desde a tese de doutorado até os últimos textos propriamente filosóficos – **A Sagrada Família** e **A Ideologia Alemã** –, há uma verdadeira continuidade de inspiração atomista, que só seria, talvez, interrompida provisoriamente pelos **Manuscritos de 1844**. A interpretação da tese apresenta algumas dificuldades, na medida em que ela não nos chegou completa e em que devemos nos apoiar sobre as notas preparatórias de Marx. Entretanto, devemos considerar esse texto como parte integrante da obra de Marx, uma vez que nele estão expressas algumas proposições que permanecerão fundamentais e às quais o próprio Marx fará alusões indiretas em numerosos textos posteriores. Assim, em **A Ideologia Alemã**, Max Stirner é criticado por não haver compreendido a filosofia helenística e as relações entre estóicos, epicuristas e cétricos. No espírito do jovem Marx, o pensamento de Demócrito e Epicuro deveria se inscrever em uma história mais ampla da filosofia helenística. Por outro lado, a admiração de Marx pela filosofia, poesia e arte da Grécia permanecerá constante até o fim de sua vida.

Enfim, a tese sobre Epicuro é o ponto de partida para o materialismo de Marx. No século XIX, é ainda por meio de Gassendi e Bernier que o conhecimento de Epicuro se propaga. A despeito de toda crítica à interpretação de Gassendi, Marx encontra no seu trabalho o ponto de partida para o materialismo francês. Lembremos também que o atomismo marca a filosofia inglesa dos séculos XVII e XVIII e, nomeadamente, o pensamento de Hobbes.

MARX E A FILOSOFIA HELENÍSTICA

A tese de Marx sobre Epicuro deveria estar incluída em um trabalho mais geral sobre a filosofia helenística, a qual Marx se recusa a encarar simplesmente como o declínio da filosofia grega, que teria atingido o seu apogeu com

Aristóteles: “Em uma abordagem mais desenvolvida das filosofias epicuriana, estoica e cética, eu me reservo o direito de tomá-las em conjunto e em suas relações absolutas com o pensamento especulativo grego anterior e posterior”. A unidade dessa filosofia helenística reside no fato de que estoicos, cínicos e epicuristas “representam todos os elementos da consciência de si, embora cada um dos elementos seja representado como tendo uma existência particular”. Pode-se, pois, notar imediatamente que, a despeito do título da tese, não é a física que constitui o centro do interesse de Marx sobre Epicuro, mas um dos seus capítulos sobre a fenomenologia do espírito. Marx assinala: “Se os sistemas anteriores são mais significativos e interessantes quanto à herança da filosofia grega, os sistemas pós-aristotélicos e, principalmente, o ciclo de escolas epicuristas, estoicas e céticas o são pela sua forma subjetiva e pelo caráter da sua filosofia”.

Marx critica a tradição filosófica por ter negligenciado o estudo da “forma subjetiva” dessas doutrinas filosóficas. No epicurismo antigo, e mais geralmente no materialismo, ele não procura uma doutrina particular, uma teoria da matéria ou uma teoria das relações entre a matéria e o espírito, mas uma “forma subjetiva”. Veremos que é exatamente isto o que está em foco na sua tese de doutorado, mas também na atitude geral de Marx em relação ao materialismo. Ora, essa questão fundamental jamais foi considerada pelos comentadores marxistas, tanto quanto pelos não marxistas ou anti-marxistas, que concentraram a atenção sobre os “materialistas da Antiguidade” por oposição aos anti-materialistas, enquanto que a clivagem mais pertinente é, sem dúvida, outra.

O OBJETO DA TESE

A tese não tem como objeto o atomismo antigo, mas, precisamente, a diferença entre a física de Demócrito e a de Epicuro. Essa diferença tem um alcance que supera de longe as eventuais discussões sobre uma física ultrapassada. Para Marx, “é, com efeito, um procedimento profundamente enraizado estabelecer a identidade entre a física de Demócrito e a de Epicuro até o ponto de ver apenas como caprichos vãos as modificações feitas por este último”.

O atomismo é, ao mesmo tempo, um princípio metodológico e um princípio ontológico, na medida em que se apresenta como um fundamento possível do materialismo marxiano. Buscando reduzir todos os processos a uma combinação de movimentos mecânicos de átomos, o atomismo faz

prevalecer o princípio da causalidade material, quer dizer, da relação entre a forma e a matéria que ela “informa”. Mas o atomismo ao qual se atém Marx é específico. Após evidenciar as oposições de método entre Demócrito e Epicuro, Marx se põe nitidamente do lado de Epicuro. Em um primeiro momento, Marx observa que, de um ponto de vista mais geral, as físicas de Demócrito e Epicuro parecem praticamente idênticas: os átomos e o espaço, tais são os dois princípios. Entretanto, a partir dessas premissas idênticas, os dois filósofos se colocam em posições “diametralmente opostas em tudo o que diz respeito à verdade, à certeza, à aplicação desta ciência, à relação entre o pensamento e a realidade em geral”. Enquanto Demócrito reduz a realidade sensível à aparência subjetiva e parece se conduzir por certo ceticismo, para Epicuro, pelo contrário, nada pode eliminar as percepções sensíveis; e esta certeza conduz a um dogmatismo de método típico do “sábio”. Desse modo, a convergência teórica entre Demócrito e Epicuro se transforma em oposição prática. Enquanto em Demócrito, a necessidade se manifesta como determinismo, em Epicuro, o acaso é uma realidade “que tem como único valor a possibilidade”. A possibilidade se manifesta ora como possibilidade abstrata, ora como possibilidade real. Epicuro se apega à possibilidade que não conhece limite, enquanto a possibilidade real procura demonstrar a necessidade e a realidade de seu objeto. É neste ponto que Marx formula a sua crítica a Epicuro: “Epicuro procede com uma displicência sem limite na explicação dos fenômenos físicos particulares”.

A oposição entre Demócrito e Epicuro aparece, assim, como uma oposição frontal. Demócrito é um cético, e Epicuro, um dogmático. O cético se dedica às ciências empíricas, enquanto o dogmático, que toma o fenômeno pelo real, “não vê que o acaso e seu modo de explicação tende a suprimir toda a realidade objetiva da natureza”.

A DECLINAÇÃO

O ponto sobre o qual Marx concentra a discussão é a noção do *clinamen*, da declinação dos átomos. Após haver notado os numerosos mal-entendidos em relação à física epicuriana, Marx procede à análise da filosofia de Epicuro em seu conjunto a partir das considerações de Lucrecio – “o único de todos os antigos que compreendeu a física de Epicuro” – e procura demonstrar que esta filosofia se estrutura em torno da declinação e de suas conseqüências:

A declinação do átomo de sua linha reta não é uma determinação particular que surge acidentalmente na filosofia epicuriana. A lei que ela exprime, pelo contrário, trespassa toda a filosofia de Epicuro, mas é natural que o caráter concreto de sua manifestação depende da esfera na qual ela se aplica.

A declinação do átomo, com efeito, constitui a afirmação da autonomia do átomo contra o movimento da queda que lhe havia atribuído Demócrito e que é o movimento da não-autonomia. Lucrécio põe em evidência o que Epicuro traz de contribuição para o atomismo ao afirmar que a declinação quebra as cadeias do destino. Devem-se destacar aqui as críticas pertinentes que Marx formula contra os comentadores de Epicuro, como Cícero e Pierre Bayle. Esses comentadores atribuem à declinação motivos que se excluem mutuamente. A declinação tanto funda a liberdade quanto a repulsão dos átomos, que na ausência da declinação não se reencontrariam jamais.

Ora, o encontro determinado dos átomos não poderia fundar a liberdade; ao contrário, ele nos conduziria a um mundo estritamente determinista. Uma leitura superficial de Lucrécio poderia levar à simples superposição entre essas duas explicações. Lucrécio introduz, a princípio, a declinação como explicação da constituição dos corpos. Sem a declinação, os átomos caem no sentido vertical e todos têm a mesma velocidade: “a natureza nada cria”. Trata-se de um raciocínio que não é negado, e não pode ser negado, pela observação. Em um segundo momento, Lucrécio apresenta a declinação dos átomos em analogia com a vontade humana. A declinação, que é apenas uma suposição obtida por um raciocínio apagógico para compreensão dos fenômenos naturais, é agora mostrada como uma evidência nos fenômenos psíquicos:

Se os movimentos são sempre solidários, se um pensamento novo nasce sempre de um mais antigo segundo uma ordem inflexível e se, para a sua declinação, os átomos não tomam a iniciativa de um movimento que rompe com as leis do destino para impedir a sucessão infinita das causas, de onde vem esta liberdade concedida sobre a terra a tudo aquilo que respira, de onde vem esta vontade que se opõe aos destinos?

A negativa do destino (*fatum*) não é, para Lucrécio, a conseqüência lógica de uma espécie de indeterminação geral do choque dos átomos. Mayotte Bollack nota, com toda a razão, que a vontade livre não pode ser reduzida a

causas atomísticas porque a vontade livre só é apresentada por analogia. A declinação aparece bem mais como um princípio geral que vai atuar como fundamento da ética e da autarquia do sujeito.

Sigamos a explicação de Marx. Esta explicação repousa sobre a existência contraditória do átomo. O átomo tem uma existência imediata e uma existência relativa. O átomo se apresenta a princípio como a negação imediata do espaço abstrato, como um ponto no espaço. Ora, enquanto ponto no espaço, ele perde sua individualidade e se perde na linha reta. Mas Epicuro afirma a pura singularidade do átomo, e esta singularidade implica que o átomo não tem uma existência puramente material: “Como ele se move no domínio da imediatez do ser, todas as determinações são imediatas. As determinações opostas são, portanto, colocadas em oposição enquanto realidades imediatas”.

Ora, aquilo que dá ao átomo a sua existência relativa é a linha reta. O átomo se liberta da sua existência relativa (a linha reta) desviando-se. A declinação do átomo não é, pois, uma lei material, mas o princípio que permite “resistir e combater”, como disse Lucrécio, um princípio ideal que atravessa toda a filosofia epicuriana e cuja manifestação concreta depende da esfera na qual se aplica.

É por isso que, afirma Marx, “toda a filosofia epicuriana se afasta da realidade limitativa, sobretudo quando o conceito de singularidade abstrata – a autonomia e a negação de toda relação à outra coisa – deve estar representado em sua existência”. Lucrécio afirma: nós somos freqüentemente levados, movidos por conflitos que independem de nós, por uma força coativa. Mas nós podemos resistir a essa coação. E é por isso que, ao lado dos choques e dos pesos, deve-se introduzir a declinação como uma terceira causa. Esta terceira causa não suprime as duas outras, mas a elas se opõe e dela se deduz a esfera da autonomia. Deve-se acrescentar que, segundo Cícero, Epicuro defende a contingência do futuro como uma outra razão que se opõe à determinação do destino.

OS ÁTOMOS E A CONSCIÊNCIA

Marx demonstra, então, que a introdução da idéia de declinação no mundo dos átomos modifica toda a construção do atomismo antigo: “É graças a ela que a determinação da forma é afirmada e que a contradição inerente ao conceito de átomo se manifesta”. Passa-se, assim, de uma

apresentação puramente material a uma análise das formas da consciência. Marx, imediatamente, chega a conclusões gerais que irão se constituir em elementos de sua própria filosofia:

A singularidade imediata só é realizada quando ela se reporta apenas a outra coisa que não a ela mesma, mesmo se essa outra coisa se apresente sob a forma de uma existência imediata. O homem só deixa de ser um produto da natureza no momento em que a outra coisa à qual ele se reporta não tem uma existência, mas é ela própria um homem singular, ainda que ele não seja ainda espírito. Mas, pelo fato de que o homem enquanto tal torna-se o seu próprio e único objeto real, ele deve ter rompido, em si mesmo, com a sua existência relativa, a potência do desejo e da pura natureza.

Em uma terminologia que remete à “Fenomenologia do Espírito” de Hegel, pretende-se introduzir a reivindicação do homem singular de “romper com sua existência relativa”, reivindicação que será encontrada, sob uma outra forma, em **O Capital**.

Mas voltemos a Epicuro. Nota-se que o lugar do átomo na filosofia epicuriana é completamente diferente do que se verifica em Demócrito. Em Demócrito, o átomo é uma espécie de coisa em si, um *noumène* que designaria o *Ser* como tal; já em Epicuro, o átomo é um princípio de representação. Epicuro conduz ao extremo, com “excessiva simplicidade”, diz Marx, os problemas de toda a filosofia grega antiga:

Como todos os antigos filósofos, os cétricos não excluídos, partem da premissa da consciência, um ponto de apoio sólido lhes é indispensável. Este ponto de apoio são as representações tais como elas existem no saber comum. Filósofo da representação, Epicuro é, com relação a isto, preciso e é por esta razão que ele apresenta em detalhe essas condições do fundamento.

Marx demonstra como Epicuro chega, assim, a colocar a idealidade nos átomos e a considerar a necessidade exterior sob a forma do átomo. A oposição entre Demócrito e Epicuro diz respeito à própria natureza do átomo, substrato material ou *stoiceion* no primeiro, princípio ou *arché* no segundo. Mas enquanto *arché*, o átomo abrange as categorias da consciência. Assim, Epicuro objetivou no átomo a contradição entre a essência e a existência, enquanto Demócrito não fez senão “conservar o aspecto material e propor hipóteses com fins empíricos”.

Por conseguinte, esta análise, mediada pela teoria da repulsão, pode ter um alcance geral e não limitado à física empírica, como em Demócrito. Marx coloca em relação íntima a construção dos átomos, a ética epicuriana e a política: “Nós encontramos em Epicuro o emprego das formas mais concretas da repulsão: o pacto, em matéria política e, em matéria social, a amizade, que ele tem como bem supremo”. Em sua análise, Marx mostra como, ao atribuir qualidade aos átomos, Epicuro se afasta ainda mais da física democritiana. Interpretando Epicuro segundo as categorias hegelianas, afirma: “Pelos suas qualidades, o átomo adquire uma existência que está em contradição com seu conceito; ele é definido como uma realidade alienada, diferenciada em sua essência”. E acrescenta: “É esta contradição que constitui o interesse principal de Epicuro”.

Esta contradição se apresenta como a contradição entre a essência e o fenômeno. Marx afirma que é somente em Epicuro que o fenômeno é concebido como tal, não como ilusão puramente subjetiva dos sentidos do homem, mas como “alienação da essência, que se afirma na realidade como alienação mesma”, afirmação que Marx tomará como fundamento da sua própria concepção. Estas afirmações só adquirem sentido pleno se ligadas à noção epicuriana do tempo. O tempo epicuriano é definido como “acidente do acidente”; ele é, pois, a forma abstrata da percepção sensível. Mas esta forma deve se fixar “como uma natureza na natureza” de acordo com o método atomístico, que consiste em fixar as formas da consciência como objetos separados. O tempo possui, assim, uma existência distinta como consciência sensível: “A sensibilidade do homem é, pois, o tempo transformado em corpo, a reflexão existente sobre o próprio mundo sensível”. Conclui Marx: “Assim como o átomo é a forma natural da consciência de si abstrata, singular, também a natureza sensível é apenas a consciência de si objetiva, empírica, singular, em suma, a consciência de si sensível”. Os sentidos são, por consequência, os únicos critérios na natureza concreta, assim como a razão abstrata é o único critério no mundo dos átomos.

O que se vê aqui é, pois, um rompimento com o materialismo metafísico que hipostasia a “matéria” como uma coisa. Se, mais uma vez, o vocabulário leva a pensar em Hegel, não se deve esquecer que se trata de um pensamento sobre o qual este verdadeiramente jamais refletiu. Na **Fenomenologia do Espírito**, o estoicismo e o ceticismo aparecem somente como momentos

do espírito. Marx, sem haver ainda rompido formalmente com o hegelianismo, faz do materialismo epicuriano um momento decisivo da história da filosofia, tomada como a história da consciência. Pode-se dizer, sem exagero, que se encontra aqui, embrionariamente, o que viria a ser o sentido verdadeiro da revolução marxiana da filosofia.

O MARXISMO E A TESE

O marxismo ortodoxo se dedicou a procurar no materialismo antigo um requisito do materialismo dialético, um fundamento para o pensamento científico destituído da filosofia. George Novack, por exemplo, faz da rejeição do epicurismo ao idealismo platônico a oposição fundamental. Para esse autor, “Epicuro procura estabelecer um lugar para a reação do ser humano ao acontecimento”. Mas Epicuro não estabeleceu um lugar para a autonomia do ser humano porque esta autonomia é um princípio comum à vida psicológica dos homens e da natureza, o que é normal em uma perspectiva materialista. Inversamente, Plekhanov elimina pura e simplesmente a “tese” de Marx, sob o argumento de que, nesse texto, “o jovem Marx se apresenta ainda como um puro idealista da escola hegeliana”.

Da mesma forma, o materialismo antigo desaparece de numerosos estudos que Plekhanov consagrou ao materialismo e à filosofia marxista. É certo que, em sua “tese”, Marx se exprime ainda no vocabulário da filosofia idealista alemã – não necessariamente hegeliana, aliás, pois se poderia melhor dizer fichteana –, mas é impossível dizer que se trata de “um puro e simples idealismo da escola hegeliana”.

Percebe-se claramente a singularidade do pensamento do jovem Marx, que os comentadores, em sua maioria, ignoraram, permanecendo prisioneiros da alternativa “filosofia idealista ou ciência materialista”. A ciência “epicuriana”, de fato, não é uma ciência face aos nossos critérios atuais. Como observa Marx, “não é somente contra a astrologia que Epicuro se põe em guerra, mas contra a própria astronomia, contra a lei eterna e a razão no sistema celeste”.

Marx critica em Epicuro o desprezo pelo método científico. Ele assim resume a atitude epicuriana: “ele não tem interesse em investigar as causas reais dos objetos: o problema está em tranquilizar o sujeito que explica”. Marx não procura “tranquilizar o sujeito que explica”. Ele

nota que, sob um plano estritamente científico, a astronomia de Demócrito não é destituída de visões profundas, mas essas visões não despertam interesse direto em nossos dias, enquanto o interesse sobre a autonomia epicuriana é puramente filosófico. Por isso, ele retomará por sua conta, pelo menos em parte, a mudança de foco efetuada por Epicuro, do objeto para o sujeito. A análise de *Meteoros* como a alma da filosofia epicuriana manifesta claramente o que está em causa. Da maneira como Epicuro toma os adoradores da natureza, Marx conclui: “quando a natureza torna-se autônoma, a consciência se reflete nessa própria natureza e a afronta em sua forma autônoma”. É a consciência desse enfrentamento que faz de Epicuro “o maior *Aufklärer* grego”. *Aufklärer* é a expressão pela qual o jovem Marx se auto-designa. Sem identificar a sua própria posição com a de Epicuro, Marx se apropria dos elementos que lhe parecem absorvíveis. Por essa razão, a recusa das leis eternas se tornará um dos temas essenciais de sua obra dita econômica. Alguns anos após a tese, Marx se põe em guerra contra a “lei eterna” da exploração e critica como não científicos, como ideólogos ou apologistas do modo de produção capitalista, aqueles que formulam leis eternas da economia. Face às “leis naturais”, ele afirma a autonomia do indivíduo, sua capacidade de “resistir e combater”.

A interpretação marxiana da filosofia de Epicuro pode ser discutida. Entretanto, longe de ser um simples trabalho escolar que se poderia desprezar, a tese marca a entrada audaciosa do jovem Marx no campo da filosofia. Epicuro não é um pretexto. A leitura minuciosa, à qual nos convida Marx, permanece uma introdução útil à compreensão de uma obra frequentemente abordada apenas sob o ângulo filológico ou pela discussão dos temas propriamente éticos. Marx nos mostra como a filosofia moderna, orientada sobre o sujeito, pode encontrar em Epicuro as suas raízes gregas. Com Epicuro, as leituras e a evolução teórica de Marx tendem para certo materialismo talvez complementado, por meio de Gassendi, pelo materialismo francês, e, de Hobbes, pela filosofia inglesa.

CONCLUSÃO

Dessa tese, o que permanecerá nas obras posteriores de Marx? Muito mais do que se crê geralmente. As preocupações formuladas por Marx no

início de sua tese poderiam ser assim resumidas: no que se refere ao método científico e ao conteúdo objetivo, Marx defende Demócrito e mantém firmemente sua concordância com uma doutrina cujo conteúdo é validado racionalmente. Mas, no plano da atitude subjetiva, da forma subjetiva, ele está resolutamente do lado de Epicuro. Nós podemos, sem muito esforço, descobrir nesse equilíbrio, nessa dualidade da atitude de Marx, a matriz de toda sua obra posterior. Pontuamos aqui, simplesmente, os traços dessa forma subjetiva da filosofia epicuriana que serão apropriados no desenvolvimento do pensamento de Marx.

Marx assumirá o “dogmatismo epicuriano”. A realidade sensível é um ponto de partida da consciência irrefutável, “esse pressuposto real, do qual não se pode abstrair senão em imaginação”. Esta não é a percepção sensível, empírica, que nos confunde; é, antes, o conjunto das idéias teóricas que nós formamos e que construímos, pela percepção sensível, em nossas relações com os outros homens. Como afirma Lucrécio, a maior parte de nossos erros são “imputáveis aos julgamentos de nosso espírito, que nos dá a ilusão de ver aquilo que os nossos sentidos não podem ver”. Marx nunca se afasta da idéia epicuriana, segundo a qual a razão é mais afeita à irracionalidade que o corpo. Quando aborda a questão da consciência, Marx não questiona jamais o problema das relações entre consciência sensível e consciência inteligível – ao contrário, ele não deixa de reivindicar uma firme base “empírica” – e, mais ainda, as relações entre as afabulações da ideologia e a percepção do real.

Marx preservará a idéia epicuriana de liberdade. Os homens agem em condições determinadas, condições que eles não escolhem, mas nas quais eles agem livremente, repete Marx. É esta liberdade essencial que Marx estima em Epicuro e é por causa dela que seu atomismo é um atomismo não determinista; ou, mais exatamente, é por causa dela que é possível delimitar um domínio do determinismo e um domínio da liberdade. Se o primeiro ponto não nos afasta das posições tradicionalmente defendidas por numerosos marxistas, o segundo passa despercebido pela maior parte deles, obcecados pela idéia de um marxismo científico no qual os indivíduos desempenham tão-somente o papel determinado pelas infraestruturas. A *nonchalance* epicuriana não tem lugar nesse sistema fechado da “ciência marxista”.

Com Epicuro, Marx rejeita, de uma vez por todas, a idéia de lei eterna e a idéia de que a razão reside na natureza. A razão humana não é

um reflexo ou cópia da razão natural, assim como a razão da natureza não é uma parte da Razão. O objetivo da ciência – que dizer da filosofia! – é somente explicar como se passa das substâncias singulares para os fenômenos. A lei é a lei de produção de fenômenos e não unicamente as regras que ligam os fenômenos entre si.

Para Marx, Epicuro apresenta o mundo como possibilidade e contingência. A necessidade entra em colisão com o concreto. A necessidade jamais é uma necessidade absoluta. Ela é uma necessidade concebida, mas que poderia ser concebida de outra maneira. Se o mundo é apresentado como possibilidade e contingência, o livre arbítrio e a liberdade do sujeito são pensados, pois, correlativamente. Michel Vadée demonstra o papel da categoria do possível no pensamento teórico de Marx. Não é interdito pensar que foi nessa primeira confrontação com Epicuro que Marx forjou sua noção do possível.

Se seguirmos em detalhe o pensamento de Marx em sua análise da filosofia de Epicuro, não faltarão surpresas: o mais importante, para ele, reside não no que liga Epicuro à tradição da física grega, aos elementos do materialismo antigo, mas sim no que a sua filosofia tem de idealista, no que concerne à análise das formas da consciência. Daí esta constatação aparentemente surpreendente: “o que há de maior e mais duradouro em Epicuro é que ele não prefere os fatos às representações e que procura, do mesmo modo, lhes salvaguardar”.

O materialismo epicuriano, portanto, revela o interesse maior de deixar de ser um materialismo ingênuo, uma nova cosmologia, e aponta para uma espécie de fenomenologia. É verdade que, quando Marx escreve suas notas sobre Epicuro, ele é ainda um estudante ligado aos jovens hegelianos e seu melhor amigo é Bruno Bauer, com quem compartilha suas primeiras preocupações filosóficas sobre a consciência de si. É um erro, pois, querer, a todo preço, fazer coincidir, em uma coerência artificial, seus primeiros passos de filósofo com os princípios da obra do homem maduro. Mas essa maneira particular de considerar o materialismo epicuriano não estará jamais perdida; dela se encontrará traços, e não de menor importância, na crítica do materialismo antigo, “aí compreendido o de Feuerbach”, que se constitui no objeto da primeira tese sobre Feuerbach.

Mesmo que de forma não totalmente explícita, Marx compartilha com Epicuro a vontade de subordinação da ciência à ética. Sabe-se que Epicuro

rejeitava a eternidade dos corpos celestes, pois ela perturbaria a ataraxia. Marx critica a economia política não pelo seu caráter não científico, mas porque ela faz a apologia das relações sociais que mutilam o indivíduo. Ou, mais exatamente, a economia política deixa de ser científica quando ela se torna uma ciência apologética. Como Epicuro e Lucrecio, que pretenderam libertar os homens dos laços das superstições religiosas, Marx quer libertar os proletários dos laços com as superstições da economia capitalista – aliás, para ele, dinheiro e religião são a mesma coisa.

Analisando o “epicurismo” de Marx, pode-se avaliar como o marxismo ortodoxo se enganou quanto aos sentidos filosóficos do pensamento marxiano. A idéia geral é que existiria uma espécie de materialismo genérico, do qual o marxismo seria apenas uma nova variante, adaptada às condições de nossa época. Poucos marxistas prestaram a atenção necessária ao fato de que a tese de Marx não se reporta aos atomistas antigos em geral, mas à diferença entre as físicas de Demócrito e Epicuro. E, por não fazê-lo, não compreendem o sentido do trabalho de Marx.